


DOI: 10.22476/revcted.v6.id459

ISSN: 2447-4223


## **PRAÇAS PÚBLICAS COMUNITÁRIAS NA “CIDADE SOL” - JEQUIÉ-BA: TERRITÓRIOS LÚDICOS DE DIÁLOGOS CONSTANTE ENTRE EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA**

**Marilete Calegari Cardoso<sup>1</sup>**

 <http://orcid.org/0000-0002-4088-8249>

UESB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Letras,  
Jequié, Bahia, Brasil

**Ana Lúcia Santos Souza<sup>2</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-8352-4656>

UESB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Exatas e Naturais,  
Itapetinga, Bahia, Brasil

**Submetido em:** 02/12/2020

**Aceito em:** 12/12/2020

**Publicado em:** 31/12/2020

### **Resumo**

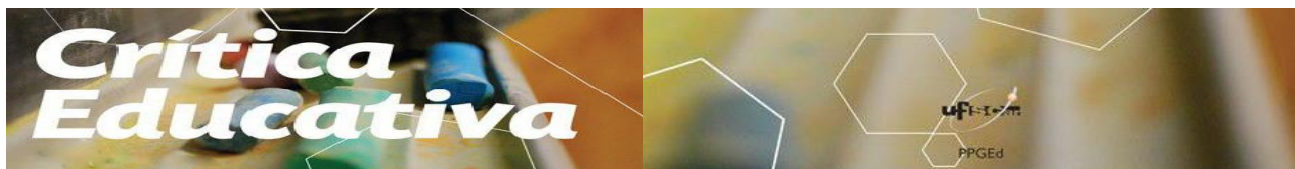
O presente artigo tem como objetivo analisar a potencialidade de duas praças públicas, de iniciativa comunitária, desde suas perspectivas históricas e das relações possíveis com o conceito de território educativo e democrático. Este trabalho é um recorte da pesquisa “O suco da sucata”, que investiga a potencialidade dos materiais não estruturados, para produção de brinquedos e brincadeiras para as crianças, em espaços públicos da cidade de Jequié-BA. A pesquisa ancora-se na abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, numa perspectiva sócio-histórica fundamentada em Freire, Gadotti e Arroyo, além da de estudos sobre educação em espaços não-formais e sobre territórios lúdicos como espaços de diálogos constante entre educação e democracia. Os dados foram levantados por meio de aplicação de questionário (*online*), via *e-mail*, a duas cidadãs, idealizadoras de praças de cunho lúdico/comunitário. A análise evidenciou que as praças construídas com sucatas por iniciativa dos moradores, em espaços relegados pela gestão pública, constituem-se como um lugar de inventividade, de autenticidade e de protagonismo cidadão, a fim de que todos - crianças, adolescentes jovens adultos e idosos - concebam o espaço como parte de si, além de potencializar as trocas e aprendizagens coletivas, por meio de eventos comunitários, ações de manutenção dos espaços, jogos e brincadeiras infantis.

**Palavras-chave:** Praças comunitárias; educação não formal; territórios lúdicos

---

<sup>1</sup> Doutor(a) em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor(a) do Departamento de Ciências e Letras - DCHL, campus Jequié, BA. Docente Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Endereço para correspondência: Residencial Jardim Alvorada, Quadra P, 12, Loteamento Jardim Alvorada - CEP 45205570. E-mail: marilete.cardoso@uesb.edu.br

<sup>2</sup> Mestra em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Professora do Departamento de Ciências Exatas e Naturais-DCEN, UESB, campus de Itapetinga, BA. Endereço para correspondência: Condomínio Parque Mirante, Rua E, 154, Bairro Água Branca, Jequié-BA. CEP: 45206-801. E-mail: analucia02@uesb.edu.br



## **PUBLIC COMMUNITY SQUARES IN THE “SUN CITY” - JEQUIÉ-BA: PLAYFUL TERRITORIES OF CONSTANT DIALOGUES BETWEEN EDUCATION AND DEMOCRACY**

### **Abstract**

This article aims to analyze the potential of two public squares, of community initiative, from their historical perspectives and the possible relations with the concept of educational and democratic territory. This work is an excerpt from the research “The juice of scrap metal”, which investigates the potential of unstructured materials, for the production of toys and games for children, in public spaces in the city of Jequié-BA. The research is anchored in the qualitative approach, of ethnographic inspiration, in a socio-historical approach and anchored in a sociocultural approach of Freire, Gadotti, and Arroio, with arguments of education in non-formal space and playful territories as spaces of constant dialogue between education and democracy. The data were collected through the application of a questionnaire (online), via e-mail, to two citizens, who created squares of a playful / community nature. The analysis showed that the squares built with scraps at the initiative of the residents, in spaces relegated by the public management of the municipality of Jequié-BA, are constituted, first, as a place of inventiveness, authenticity and citizenship, so that everyone: children, teenagers, young adults and the elderly, conceive the space as part of themselves, in addition to enhancing collective exchanges and learning, through community events, space maintenance actions, games and children's games.

**Keywords:** Community squares; non-formal education; playful territories

## **PLAZAS COMUNITARIAS PÚBLICAS EN LA “CIDADE SOL” - JEQUIÉ-BA: TERRITORIOS LÚDICOS DE DIÁLOGOS CONSTANTES ENTRE EDUCACIÓN Y DEMOCRACIA**

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo analizar el potencial de dos plazas públicas, de iniciativa comunitaria, desde sus perspectivas históricas y las posibles relaciones con el concepto de territorio educativo y democrático. Este trabajo es un extracto de la investigación “El jugo de la chatarra”, que investiga el potencial de los materiales no estructurados, para la producción de juguetes y juegos para niños, en los espacios públicos de la ciudad de Jequié-BA. La investigación se ancla en el enfoque cualitativo, de inspiración etnográfica, en un enfoque sociohistórico y anclado en un enfoque sociocultural de Freire, Gadotti y Arroio, con argumentos de educación en el espacio no formal y territorios lúdicos como espacios de diálogo constante entre educación y democracia. Los datos fueron recolectados mediante la aplicación de un cuestionario (online), vía e-mail, a dos ciudadanos, quienes crearon plazas de carácter lúdico / comunitario. El análisis mostró que las plazas construidas con sobras por iniciativa de los vecinos, en espacios relegados por la gestión pública del municipio de Jequié-BA, se constituyen, primero, como un lugar de inventiva, autenticidad y ciudadanía, para que todos: niños, adolescentes, jóvenes y ancianos, conciben el espacio como parte de sí mismos, además de potenciar los intercambios colectivos y aprendizajes, a través de eventos comunitarios, acciones de mantenimiento del espacio, juegos y juegos infantiles.

**Palabras clave:** Plazas comunitarias; educación no formal; territorios lúdicos

## 1. Introdução

Cada pessoa, seja criança, adolescente ou adulto, possui modos próprios de compreender e interagir com o mundo, pois, “estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”, como já dizia (FREIRE, 2002, p.47). A educação é móvel e aprendemos ao longo da vida (VULBEAU, 2012). Somos seres históricos, não predeterminados, desfrutarmos de liberdade e, portanto, da possibilidade de sermos sujeitos de nosso projeto de vida pessoal e coletivo (ROMÃO, 2002). Assim sendo, nosso interesse para este texto é trazer uma discussão sobre as potencialidades das praças públicas comunitárias, como lugar de aprendizagem e como territórios lúdicos de diálogos e um lugar constante de educação e democracia.

O termo “educação ao longo da vida”, conforme explica Vulbeau (2012, p. 35), designa a interação do sujeito com o tempo e espaço. Para o autor citado, a educação insere-se num campo temporal contínuo: nunca se termina de aprender, porque sempre há a necessidade de atualizar os conhecimentos para continuar sendo operacional num mundo de mutação. No quesito relação espacial, os lugares de formação são diversos, conforme as idades e os momentos de vida, desde os lugares formais (institucionalizados com todo tipo de formações), passando por espaços da educação não- formal. De acordo com Arroyo (2012), as vivências dos tempos-espaços são centrais nos processos de socialização, humanização, formação e aprendizagem do próprio viver. Assim, compreendemos que uma das formas de aprendizagem é a partir de experiências lúdicas vividas em diferentes espaços e tempos, potencializando a constituição de conhecimentos, culturas e subjetividade, bem como, a recriação de significados e sentidos construídos sobre a própria vida (CARDOSO; SOUZA; SILVA, 2019).

Essa nova perspectiva de educação, baseada em aprendizagens informais, conforme estudos de Cardoso, Souza e Silva (2019), coloca o sujeito aprendiz no centro de sua formação e vincula a cidade com os fenômenos e processos educativos, por ser entendida, “tanto como espaço físico e material (praças, ruas, monumentos etc.), quanto como espaço simbólico e político, com suas instituições, seus atores e seus ritos” (VULBEAU, 2012, p. 35). A dimensão lúdica construída em locais urbanos da cidade, a exemplo das praças públicas, em tese, “potencializam experiências de lazer e aprendizagem”, conforme descreve Brougère (2012, p.128). São vivências múltiplas de atividades livres, de diferentes naturezas, como exemplo: físicas, manuais, intelectuais, culturais,

que supõem ações de lazer, de esforços ou não, pois, são diferentes formas lúdicas vivenciadas de maneira espontânea, que remetem ao prazer e o divertimento. Além disso, “a cidade é um lugar misterioso para as crianças, um lugar de iniciação à vida dos jovens. Por isso, é um lugar que deve ser mais explorado pelas escolas”, como advoga Gadotti (2005, p.6).

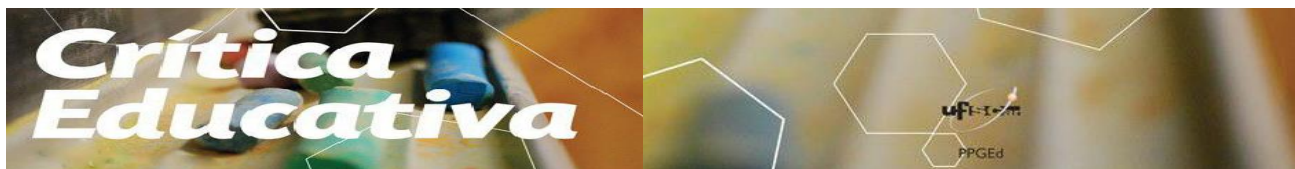
Neste contexto, a cidade Jequié, localizada no interior da Bahia, por conta das altas temperaturas que comumente se registra, sendo intitulada com o cognome de “Cidade Sol”, é constituída por praças públicas, as quais têm sido evidenciadas como um terreno fértil de análise, no que se refere a espaços brincantes, de lazer e cultura (CASTRO, 2014; CARDOSO; SOUZA; SILVA, 2019), pois, são definidores de territórios educativos.

Na Cidade Sol, assim como em outras cidades de interior, as praças públicas são projetadas nos pontos centrais, sendo elas mais bem cuidadas, e onde a população do “centro da cidade” se reúne para confraternizar, com os festejos juninos, natalinos; além das feiras, representações teatrais, *shows* de músicas e até protestos ou manifestações político-sociais. Nossa percepção de praça, aqui, corrobora com Marques (2015, p. 49), que é “entendida como símbolo de bairro ou do espaço da cidade, se torna um campo de ensino-aprendizagem privilegiado”. Compreendemos aqui, o termo “território”, como defende Xavier (2015, p.30), sendo o “produto da dinâmica social onde se tensionam sujeitos sociais. Ele é construído com base nos percursos diários trabalho-casa, casa-escola, das relações que se estabelecem no uso dos espaços ao longo da vida, dos dias, do cotidiano das pessoas”.

Nosso interesse de estudos são os espaços públicos de lazer, denominados por Nunes (2011, p. 166), como “praças comunitárias específicas”, e definidas como espaços preenchidos e/ou frequentados por determinados grupos sociais, que podemos chamar de identidades comunitárias. Vale dizer que, algumas das praças comunitárias da cidade de Jequié/BA foram produzidas com sucatas.

Partindo dessa premissa, as reflexões a que este artigo convida têm origem numa pesquisa em desenvolvimento, baseada no estudo “O suco da sucata: a potencialidade dos materiais não estruturados, para produção de brinquedos e brincadeiras para as crianças, em espaços públicos da cidade de Jequié- BA”. Com esta investigação, busca-se responder as seguintes questões: de que maneira se constituíram duas praças públicas, de cunho comunitário, da cidade de Jequié-BA? De onde partiu a ideia de construir essas praças usando sucatas? Como vem sendo construídos estes





ambientes lúdicos de lazer e aprendizagem às crianças e adultos? Qual o potencial educativo dessas praças comunitárias?

Assim, esta investigação analisa a constituição e potencialidade dos espaços públicos, a saber: duas praças comunitárias, denominadas: Praça do Amor e Praça da Amizade, construídas por meio de iniciativa comunitária, com sucatas (pneus, restos de madeiras e outros materiais reaproveitáveis), para as brincadeiras das crianças, bem como a relação desses ambientes com a participação e difusão da cultura lúdica infantil e, também, da comunidade. Mais especificamente, busca-se conhecer as duas praças, aproximando-se de suas práticas e cotidiano, bem como, daquelas e daqueles que contribuem para a materialização de propostas de espaço lúdico, educador e sustentável, em que a centralidade das crianças seja compreendida como tônica da cidade.

Para esses pontos deixarem de ser obscuros, como diz o Lefebvre (2006), buscou-se as narrativas de pessoas que idealizaram e lideraram a construção desses espaços públicos para que esclareçam como aconteceu a construção dessas duas obras da cidade. Para este trabalho, propõe-se imergir no pensamento de Freire (1995, 2000, 2001, 2002), Gadotti (2005), Arroyo (2012), Marques (2015), dentre outros, abordando o tema educação em espaço não-formal e os territórios lúdicos como espaços de diálogos constante entre educação e democracia. Assim, apresenta-se no primeiro momento, uma breve reflexão acerca do termo “suco da sucata” e a potencialidade destes materiais não estruturados nos espaços urbanos da cidade. Após, busca-se dar visibilidade para propostas e práticas existentes de praças comunitárias na cidade de Jequié-BA, que provocam processos inventivos na relação com a cidade.

## **2. Praças públicas de sucatas e a educação não formal: lugar de resistências e cidadania**

Para as pessoas viverem em lazer e, em especial, para as crianças brincarem, elas “precisam de uma cidade, porque os ambientes para brincar devem poder crescer com as crianças [...]” (TONUCCI, 2020, p.250). As pessoas necessitam de espaços públicos que lhes ofereçam experiências diversas, por meio “de atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas” (LEFEBVRE, 2008, p. 105). Por isso, “sonhamos com uma cidade acolhedora e promotora da vida”, tal como fala Gadotti (2005, p.10).

Porém, nos deparamos com o problema da falta de manutenção dos espaços públicos lúdicos oferecidos para sua população, assim como, ausência de praças como lugares de lazer e diversão nos bairros periféricos. Com a degradação das praças, a cidade torna-se menos atraente e bela e, por isso, muitas comunidades e municípios de algumas ruas vem construindo locais públicos seguros e protegidos, onde as pessoas possam passar o tempo livre com tranquilidade e prazer.

Temos encontrado em algumas cidades (internacionais e nacionais) praças públicas construídas de forma ecológica, tentando resgatar não só os espaços, como também a conexão entre as pessoas, transformando espaços em lugares democráticos de socialização. Além disso, “a ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico e libertador” (FREIRE, 2000, p.65).

Vale dizer que algumas das praças comunitárias da “Cidade Sol” - Jequié foram produzidas neste contexto ecológico. A reutilização de materiais tem sido amplamente praticada por artistas e diversos setores da sociedade, mas, contraditoriamente ainda tem uma presença tímida em ações nas escolas e praças – espaços fundantes de cidadania, de aprendizagens éticas, culturais e sociais. Por isso, conforme Cardoso, Souza e Silva (2019), cada vez mais os centros urbanos e comunidades têm encontrado soluções criativas para o reaproveitamento de seus materiais, devido a uma necessidade de dar vazão ao “lixo” que a sociedade produz. Isto é, um trabalho coletivo de pessoas que vivem em comunidades periféricas, na qual colocam em prática uma proposta educativa transformadora, de participação livre e com aspiração humana (FREIRE, 2002); um projeto incorporado ao mundo da vida, como é defendida por Freire (1995, p.16):

[...] da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade. [..]

Freire nos ajuda, ainda, compreender que a partir das relações dos sujeitos com a realidade, “resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (FREIRE, 2002, p. 51). É por esta razão que nasce nosso interesse pelas praças comunitárias construídas com artes feitas por sucatas.

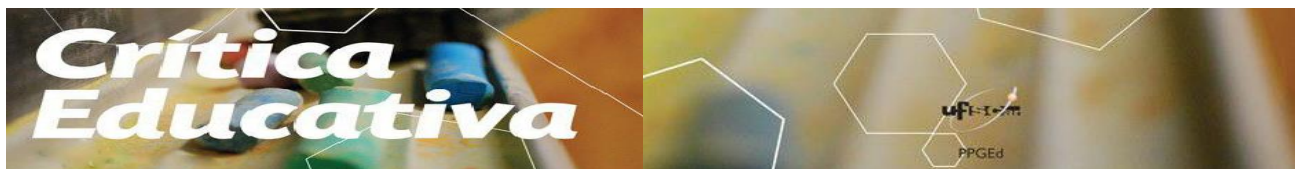
Neste estudo, utilizamos a expressão “suco da sucata”, para a composição de vários sentidos. O primeiro está relacionado ao campo semântico da palavra “suco”. É uma palavra masculina, substantiva, cuja origem etimológica, do latim *summus*, que significa o extremo, a essência, o mais importante. O segundo vincula-se a um prazer: “de uma fruta extraímos um suco, que nos alegra com seu sabor”, como nos lembra Beauclair (2006, p.6). Compreendemos ainda, no sentido do “ser mais”, como Freire (2001, p. 1), quando ele nos chama a atenção para uma visão política de termos comprometimento com a essência das coisas e de cada um.

Em relação ao termo sucata, compreendemos, neste estudo, conforme as reflexões de Cardoso (2018, p.73), como “objetos e/ou materiais não estruturados” ou “qualquer coisa que perdeu seu uso original, que não serve mais ou que não tem mais significado [...] coisas aparentemente inúteis, mas que servem para brincar, para dar nova forma e novo sentido (Sucata é tudo é nada)” (MACHADO, 2001, *apud* CARDOSO, 2018, p. 73). Quando combinado a sucata, com a arte e o lúdico, esse sentido remete para o a ideia de artefatos, cujos objetos recicláveis são manuseados por pessoas (artesãos e crianças enquanto brincam), dando novos sentidos, por aqueles ou aquelas que produzem ou criem algo, pode gerar prazer e pode garantir este sabor no ato de reinventar, criar e compartilhar (CARDOSO, 2018).

Ao mesmo tempo, o uso das sucatas nas construções de praças pode ser relacionado à ação de pessoas (catadores de lixo, latinhas ou pneus), que reaproveitam os objetos descartados para produção ou criação de algo novo. Esses sujeitos ampliam seu nível informacional e a percepção ambiental ao dar valor positivo a uma ação de *status* rebaixado em nossa cultura. Da mesma forma, abrimos caminhos para a cultura da transformação, que se torna “estratégias de resistência, caminhos de sabedoria. Sendo, também, um grande campo de educação não-formal [...] e, exerce uma nova função: a formação para e pela cidadania” (GADOTTI, 2005, p.6).

É possível identificar a importância atribuída à educação não-formal no movimento de construção de praças públicas comunitárias, quando Freire destaca

procuraremos identificar outros espaços que possam propiciar a interação de práticas pedagógicas diferenciadas de modo a possibilitar a interação de experiências. Consideramos também práticas educativas as diversas formas de articulação que visem contribuir para a formação do sujeito popular enquanto indivíduos críticos e conscientes de suas possibilidades de atuação no contexto social (FREIRE, 1995, p.16).



Desse modo, podemos dizer que o reaproveitamento de sucatas, em ações ligadas à revitalização e à construção de espaços nas praças em centros urbanos, pode ser compreendido como uma prática educativa, pois, possibilita à comunidade experimentar a essência do ser/estar-junto-com, assim como uma busca real de soluções para problemas ambientais e a existência concreta de elementos singulares da vida cotidiana. Indubitavelmente, essas ações são manifestações de cidadania, como destaca Gadotti (2005, p.7),

Pode-se dizer que cidadania é essencialmente consciência de direitos e deveres e exercício da democracia: direitos civis, como segurança e locomoção; direitos sociais, como trabalho, salário justo, saúde, educação, habitação etc. direitos políticos, como liberdade de expressão, de voto, de participação em partidos políticos e sindicatos etc. Não há cidadania sem democracia. O conceito de cidadania, contudo, é um conceito ambíguo (GADOTTI, 2005, p.7)

Desse modo, a construção ou revitalização de praças públicas por meio de iniciativas comunitárias é, essencialmente, uma forma de atuação cidadã pautada na democracia, pelo entendimento de que a praça é o lugar de todos, e, por isso, deve ser cuidada por todos. Para além disso, as iniciativas de praças comunitárias forjam espaços de educação aberta a todos, por meio da preservação de tradições locais, do meio ambiente, das culturas brincantes, e acima de tudo, dos laços de solidariedade e participação coletiva.

Cardoso, Souza e Silva (2009) observam que algumas praças comunitárias fomentam a cultura lúdica infantil mediante interação das crianças em projetos de restauração de ambientes e reaproveitamento de materiais descartados, por meio da construção de brinquedos com materiais aproveitados. Tais iniciativas concorrem para o fortalecimento da cidade e promove a abertura de espaços de atuação cidadã pelo envolvimento ativo de pessoas de diferentes faixas etárias nesse processo. Ademais, implica em criação cultural e participação no processo histórico e social de transformação de seu entorno, pois, ao empreender ações de melhorias ou de (re) criação dos espaços nas praças, os sujeitos estão atuando com vistas à transformação das condições de existência. Portanto, estão exercitando a condição de homens e mulheres em busca de autonomia e emancipação.



### 3. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida com base nos princípios qualitativos, de inspiração etnográfica, numa abordagem sócio-histórica e ancorada na perspectiva sociocultural de Freire (1995, 2000, 2001, 2002), Gadotti (2005), Brandão (1995), Romão (2002) e Arroyo (2012), que defendem uma prática política, dialógica e libertadora. Um ponto central desse método é que todos os fenômenos são estudados como processos em movimento e em mudança. Neste sentido, elencamos como técnicas de pesquisa: a observação com registro (diário de campo, fotografias, vídeos) e entrevistas. Porém, por causa da pandemia do Covid 19, também, foi aplicado um questionário *online*.

O estudo empírico teve seu início em setembro 2019, tendo como cenário espaços públicos de lazer que foram construídos com materiais não estruturados (sucatas), na cidade de Jequié-BA. As interlocutoras da pesquisa foram as idealizadoras, que realizaram o projeto das citadas praças comunitárias construídas com sucatas: Cíntia Soares, bióloga, presidente da Associação Amigos da Praça (Praça da Amizade) e Dona Cida, organizadora da Praça do Amor.

Na constituição dos dados, nos valem da aplicação de questionário *online*<sup>3</sup> (aplicados entre os meses abril e maio de dois mil e vinte), respondido pelas fundadoras das duas praças, acerca do histórico da construção do espaço, aspectos físicos, uso e apropriação dos espaços infantis; localização, dias/horários de funcionamento e usuários. Além disso, foram utilizados registros fotográficos cedidos pelas administradoras (mobiliário, equipamento lúdico, estado de conservação, as atividades realizadas).

### 4. Resultados

#### **Histórias de Praças Comunitárias construídas com Sucatas: de onde partiu essa ideia?**

“O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a retorna experiência daqueles que ouvem a sua história.”

Walter Benjamin (1994, p. 201)

---

<sup>3</sup> As informantes autorizaram publicar suas identidades, bem como expor fotos que ilustrassem as ações desenvolvidas nas praças. O projeto foi aprovado pelo CEP e que as participantes assinaram o TCLE.

Narrar uma história vivida, ou acordar nossas memórias, é, primordialmente, reeditar nosso presente e alterar o futuro, pois, a “experiência sempre pode e deve ser contada de outra forma, cabendo a nós dar-lhe sentido” (KRAMER, 2006. p.67). Tomamos o termo “narrativa” no sentido colocado por Benjamim (1994, p. 39), que a identifica com o ato de trocar experiências, no qual o narrador retira a matéria do que vai contar, sempre com a intenção, ainda que não explicitada, de dar exemplo moral ou prático. Essa troca se daria não só porque a narrativa inclui o vivido e o ouvido pelo narrador (a própria experiência e a experiência alheia), mas também porque ela incorpora à narração a experiência de quem a ouve, pois, narra-se aquilo que pode interessar aos outros, por diversos motivos ligados ao acervo de suas experiências de vida.

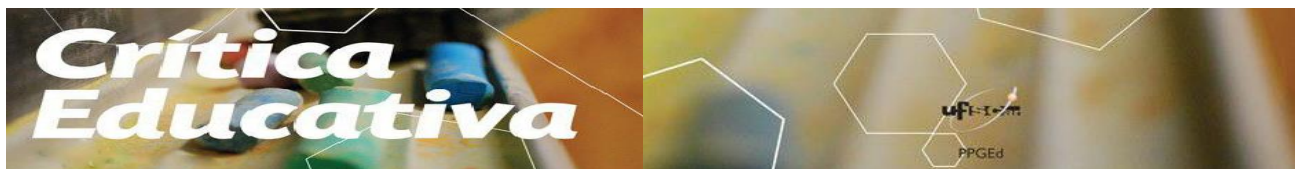
Desse modo, apresentamos, a seguir, as narrativas das idealizadoras<sup>4</sup> dos projetos de praça comunitária construídas com sucatas. Nossa intenção, ao descrever suas histórias, não é apenas explicitar e reconstruir o que elas pensam, mas também para predispor-las à ação (FREIRE, 2002), ou seja, como elas engendram as ações, explorando aspectos como a dialogicidade e a problematização, pois, são essenciais no processo de constituir-se sujeito nos espaços de atuação cidadã. A primeira praça comunitária de sucata da cidade de Jequié, Figura 1, segundo Cíntia, é a Praça da Amizade, na Urbis I (Casas Populares), no bairro Jequiezinho, fundada pela Associação Amigos da Praça (AAP), por iniciativa da bióloga e presidente da associação.

**Figura 1-** Praça da Amizade (Urbis I)- Bairro Jequiezinho



Fonte: Arquivo da informante cedido para a pesquisa, 2020.

<sup>4</sup>As informações foram obtidas por meio de um questionário *online*, enviado por *e-mail* às idealizadoras das duas praças. Solicitamos junto com o questionário, fotos que ilustrassem as ações desenvolvidas nas praças.



A Praça da Amizade, como podemos observar é um espaço transformado em um território lúdico e educativo. Um lugar que foi restaurado e produzido “pela solidariedade política da comunidade, por meio da experiência, de vivência da participação popular na coisa pública”, como Freire (2002, p,79) nos descreve. Um projeto construído sob olhar “sustentável e, também, um futuro ecologicamente correto” (Cíntia Soares,20/07/2020), mas, que não teria sido possível sem uma vivência comunitária (FREIRE, 2002). Como podemos ver nas falas de Cíntia, a seguir:

*O projeto Amigos da Praça foi fundado no ano de 2014; o cenário da praça era de um local abandono e propício para depósito de lixo. [...] o projeto colocado em prática na praça é pioneiro, tornou-se referência na cidade de Jequié, podendo servir de exemplo para ser aplicado em outras praças do município. [...] A ideia partiu dos anseios e sonho da comunidade em cuidar de um espaço que estava abandonado e estavam cansados de esperar pelo poder público. Assim, a iniciativa surgiu por uma bióloga da comunidade que se incomodava com essa situação e convocou a comunidade local a participar do projeto com o objetivo de cuidar e adotar a praça. Enviamos um convite impresso aos moradores, contendo a data, local e o motivo da reunião. “Criar um projeto de meio ambiente para cuidar da praça”. Atualmente, o projeto é formado por 21 famílias totalizando aproximadamente 80 moradores de todas as faixas etárias, com o êxito do projeto fundamos a Associação Amigos da Praça. Tudo que tem na praça foi feito pelos moradores, cada um dando a sua parcela de contribuição. (Cíntia Soares,20/07/2020)*

De acordo com os relatos, a iniciativa popular foi elemento fulcral para a criação da Praça da Amizade. As inquietações resultantes da percepção de um espaço abandonado pelo poder público e o desejo de criação de um espaço novo, diferenciado, com a cara da comunidade (espaço de vida e de vivências), foi o combustível para a articulação dos moradores. Houve a apropriação consciente do espaço, enquanto marca do território (XAVIER, 2015), sustentada na participação cidadã (GADOTTI, 2005).

A segunda praça, objeto de investigação deste estudo, denominada Praça do Amor, surgiu, conforme relatos de D. Cida, do seu anseio pela idealização de uma praça ecológica, de modo que, após as primeiras iniciativas de mudança de um espaço público abandonado - nas imediações de sua residência -, mobilizou a comunidade para a construção da praça de sucatas.

*A ideia começou para ter um local para as crianças brincarem. [...] Esta pracinha começou sem projeto, eu me incomodava com o matagal que formava na frente da minha casa, era uma área desperdiçada que sentir a necessidade de fazer alguma mudança para as crianças brincarem e aproveitar o espaço. (Cida/ 14/julho, 2020)*



Mais uma vez, as marcas da cidadania participativa estão presentes, pois a idealizadora da praça, consciente da necessidade de criação de um espaço diferenciado, pela e para a comunidade, exerceu e impulsionou os outros a exercerem a consciência do exercício de atuação, face aos direitos e deveres (GADOTTI, 2005).

Podemos perceber pelas narrativas das idealizadoras Cíntia e Cida, que ambas praças comunitárias foram concebidas pelo desejo de transformar um lugar abandonado num espaço de lazer. Tanto a Praça da Amizade, quanto a Praça do Amor, nasceram do anseio de uma pessoa, que conseguiu mobilizar os moradores para construírem “um espaço de lazer e diversão, garantindo tanto as crianças, quanto aos adultos, um espaço de brincar, com uma organização e estrutura bem peculiar” (CARDOSO; SOUZA; SILVA, 2019, p.10). Como foi o caso da experiência da idealizadora Cida, da Praça do Amor:

*[...]comecei mandando limpar um pequeno quadrado bem na direção da minha casa, consegui alguns pneus e eu mesma com meus netos e outras crianças começamos a pintar. Os vizinhos gostaram e virou tipo a corrente do bem. Um amigo de um vizinho viu doou o balanço de eucalipto e pneu. Meu neto mais velho junto com outras pessoas que doaram que fizeram os buracos e colocaram o balanço no lugar. Depois, todos outros vizinhos começaram a ajudar isso aproximou a comunidade. Com isso, nossa praça foi denominada de Praça do Amor. (Cida/ 14/julho, 2020)*

As atitudes das pessoas em relação ao meio ambiente são definidas pela percepção que têm sobre ele, pelo olhar desenvolvido sobre o que podem transformar no seu ambiente. Possibilitar às crianças o exercício do olhar cidadão, que encontra soluções eficazes e de proveito social, é também parte constituinte da educação de crianças. Podemos ver essa atitude de transformação do meio ambiente conforme a Figura 2 e a Figura 3 – com a transformação na Praça Amor.

**Figura 2-** Praça do Amor (antes)



**Figura 3-** Praça do Amor (depois)



**Fonte:** Arquivo da informante cedido para pesquisa, 2020.

Com o movimento coletivo da comunidade de criar, diversificar e valorizar os espaços públicos, a cidade converte-se em um território físico carregado de identidade, além de tornar-se um lugar apropriado para as crianças viverem suas práticas cotidianas. Torna-se ainda “mais que um espaço concreto: é vivido, subjetivado, ressignificado, torna-se parte de seu espaço, seu lugar” (DIAS, FERREIRA, 2015, p.126).

Neste sentido, a participação das comunidades na coleta de materiais para construção da praça é fundamental, assim como para transformação desses objetos e preservação das praças. Como é descrito nas narrativas das idealizadoras da AAP e PA, as comunidades mobilizam-se com atividades que geram recursos financeiros para a manutenção da praça, mas, contam também com o apoio das parcerias da administração pública, na pavimentação ao redor da praça, água e iluminação, e com parceria de empresas, como é descrito a seguir, por Cíntia e Cida:

*Para a manutenção da praça, fazemos eventos para arrecadar fundos ao longo dos anos, bingo, rifas, vendas de cachorro quente, pedimos doações aos moradores, ao comércio adjacente e todo dinheiro adquirido é investido nas despesas da praça, também cada morador paga uma mensalidade por apenas 10,00 para ajudar nas despesas, a prestação de contas é feita a cada reunião. Não recebemos nenhum apoio financeiro de ONG ou fundação. [...] Após 90% da praça revitalizada, convidamos o prefeito para participar de uma reunião com o intuito de reivindicar ao gestor algumas obras que financeiramente seria impossível de serem realizadas pela associação, como: pavimentação em torno da praça, água e iluminação. Portanto, o gestor confirmou na reunião que todas as reivindicações seriam atendidas. Assim, foi conquistado mais um sonho da comunidade. Além disso, Gangorra, balanço e escorregador foram comprados, sendo 30% foi financiado pela empresa CLIRAN os demais foi comprado com o dinheiro da Associação Amigos da Praça. (Cíntia Soares, 20/07/2020)*

*Aqui todos colaboram e quando não conseguimos que o poder público faça a limpeza nos organizamos e cada um contribui e pagamos para limpar. Também tivemos a colaboração de uma empresária de nossa cidade, ela mandou fazer o campo de futebol, plantou os coqueiros, árvores frutíferas e, também, doou as caixas de madeira que meu filho fez os bangalôs, mesas, bancos. a casinha de palete foi feita com material reciclável por um sr. do jardim tropical e como pagamento ele levou paletes e pneus que conseguimos a mais que ele também fez melhorias onde mora. (Cida/ 14/07, 2020)*

Desse modo, as duas praças são espaço de conjunção de esforços da gestão pública, entidades, organizações e os moradores, o que, sem dúvidas, constitui um movimento de potencialização da participação cidadã. O fato de as praças terem sido criadas pela iniciativa dos



moradores e serem mantidas com a colaboração destes, em parcerias com outros segmentos sociais, denota a importância de ações dessa natureza.

### **Espaço de educação e cultura**

Embora não tenha sido a intencionalidade central no momento da criação, as praças constituem-se em espaços de aprendizagens coletivas e vivências, marcas da educação pautada na cidadania. As duas praças comunitárias transformam-se em espaços de potencialização da cultura lúdica, em diferentes momentos, tempos e atividades. O espaço das praças foi pensado para todas as faixas etárias, porém, há fortuita marca de espaço de brinquedos e brincadeiras infantis.

De acordo com D. Cida, a Praça do Amor iniciou com o intuito de *“ter um local para as crianças brincarem”*, mas além disso, para *“proporcionar diversão e integração das pessoas”* (Cida/ 14/julho, 2020). Cíntia declarou que a Praça da Amizade foi criada para se tornar *“um espaço educador sustentável, acolhedor e agradável para todas as faixas etárias, sendo um local de encontro, bate papo, eventos culturais, principalmente para as crianças brincarem e se divertirem também no parque”* (Cíntia, 20/07, 2020).. As Figuras 6 e 7 - abaixo ilustram essas narrativas.

**Figura 6-** Brincadeiras na Praça do Amor



**Figura 7-** O brincar na Praça da Amizade



**Fonte:** Arquivo das informantes cedido para pesquisa, 2020.

As imagens são bastante fecundas, denotam que um dos objetivos de criação das praças foi satisfatoriamente atendido, pois, esses espaços têm sido lugar de vivências baseadas na ludicidade coletiva, por meio de brincadeiras populares (amarelinha) ou mais elaboradas, como o caso da

cama-elástica, comumente conhecido pelas crianças como “pula-pula”. As praças desenvolvem ações educativas de cunho informal, além das brincadeiras, como por exemplo: projetos de leitura, ações de conhecimento da diversidade ambiental, preservação ambiental, contação de histórias por moradores etc. Conforme mostra a Figuras 8.

**Figura 8-** Praça da Amizade: Promoção da leitura



**Fonte:** Arquivo das informantes cedido para pesquisa, 2020.

Essa prática de leitura coletiva na praça pública comunitária oportuniza às pessoas ter acesso ao conhecimento, como por exemplo, pela a criação de um “Círculo de Cultura” (ROMÃO, 2002, p.136). Pois, segundo D. Cida, *“todos têm acesso aos livros da “Geladoteca” crianças e adultos, podendo tanto levar o livro para casa para fazer a leitura, como também, escolher um exemplar para ler na Praça durante o tempo que esteja no local. Principalmente durante as tardes é comum ver algumas crianças praticando a leitura dos livros da “Geladoteca” (Cida/ 14/julho, 2020).* Essas ações não-formais de ensino são pertinentes, principalmente, por possibilitar a aprendizagem de maneira colaborativa e criativa, por meio de trocas entre diferentes sujeitos, situações e espaços.

Além disso, percebemos que a Praça Amor e a Praça Amizade são territórios educativos, pois

[...] busca instaurar, com todas as suas energias, a cidadania plena, ativa, quando ela estabelece canais permanentes de participação, incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade. Essa não é uma tarefa “espontânea” das Cidades. Precisamos de vontade política e de uma perspectiva histórica (GADOTTI, 2005, p.8)

As praças, nesse sentido, enquanto partes da cidade, realizam-se por meio de suas memórias, tradições, que se estendem e se comunicam às gerações que chegam. Vivemos e interagimos na e através da cultura objetivamente criada por nós. Assim, as ações coletivas das praças preservam os laços comunitários e perpetuam valores, crenças e a cultura popular. Como podemos ver nas Figuras 09 e 10:

**Figura 09-** Praça da Amizade: Dia das Mães



**Figura 10-** Praça do Amor Festejos juninos



**Fonte:** Arquivo das informantes cedido para pesquisa, 2020.

Os festejos comemorativos nas praças são encontros de partilhas das artes culinárias típicas, músicas e danças, portanto, sinais de culturas populares. Para Brandão,

[...] culturas populares não são apenas o reflexo da vontade de elites eruditas, para que os seus criadores se iludam sobre o seu modo a partir de sua própria criação. Existem espaços de autonomia, existem estratégias de originalidade e de afirmação de identidades populares, cuja dinâmica tem surpreendido aqueles que se dedicaram ao seu estudo mais profundo em qualquer uma de suas dimensões (BRANDÃO, 1995, p. 152).

A participação e envolvimento da comunidade nas manifestações culturais da cidade instalam o fenômeno de democratização; ao mesmo tempo, cria-se o clima de esperança ao lado de um forte senso de responsabilidade dos verdadeiros representantes pelas ações educativas (FREIRE, 2002). Contudo, segundo Gadotti (2005, p.6), “para uma cidade ser considerada educadora, ela precisa promover e desenvolver o protagonismo de todos e de todas – inclusive das crianças – na busca de um novo direito, o direito à cidade educadora: enquanto educadora, a Cidade é também educanda”.



Diante disso, podemos dizer que tanto a Praça Amor como a Praça da Amizade constituem-se em espaços educativos, pois, as idealizadoras afirmam que as crianças participam ativamente das ações providas pela comunidade e se sentem bastante felizes nas praças comunitárias. Julgamos que elas se sentem representadas, pois, têm oportunidades de explorarem todos os espaços, brinquedos, além de apreciarem o conhecimento e interação entre crianças - crianças e crianças e adultos.

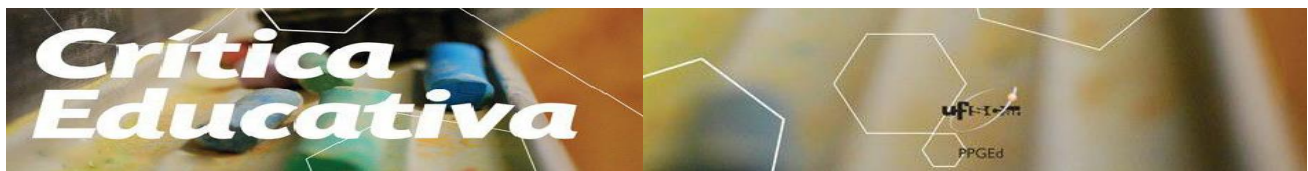
## **5. Considerações finais**

As análises iniciais desse estudo, com base nas narrativas das idealizadoras da Praça Amor e Praça da Amizade, sinalizam sobremaneira que as praças construídas com brinquedos de sucatas nos espaços públicos da cidade de Jequié-Ba constituem-se em lugar de inventividade, de autenticidade e protagonismo cidadão, a fim de que todos: crianças, adolescentes jovens adultos e idosos, concebam o espaço como parte de si, além de potencializar as trocas e aprendizagens coletivas, por meio de eventos comunitários, ações de manutenção dos espaços, jogos e brincadeiras infantis.

A educação é um fenômeno histórico, localizado culturalmente, que se desenrola ao longo da vida em diferentes tempos e espaços. Nos últimos anos houve o reconhecimento das contribuições de diferentes tempos e ambientes para o processo de constituição do sujeito, bem como para aprendizagens.

As praças públicas são lócus de múltiplas vivências e, quando estas são resultados de intervenções comunitárias, muito mais podem colaborar na potencialização da atuação cidadã. Neste estudo, tomamos a praça como lugar de apropriação e de trocas num interjogo de encontros entre diversas faixas etárias, sendo, portanto, um lugar de educação e democracia. As duas praças investigadas, Praça da Amizade e Praça do Amor, constituem-se enquanto território, com marcas da participação colaborativa, com vistas à oferta de possibilidades de educação, cultura e lazer.

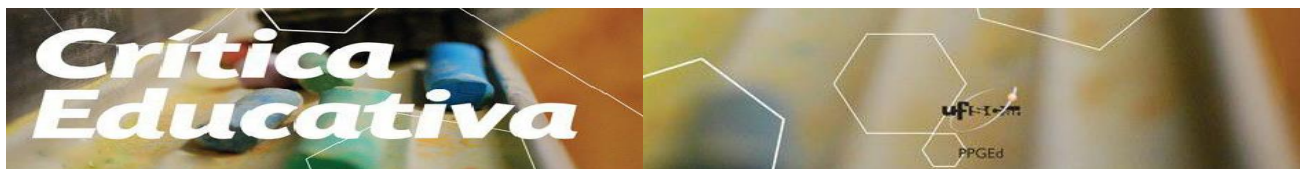
Reconhecemos que iniciativas como essas devem ser reproduzidas nas diversas comunidades do Brasil, a fim de que homens e mulheres desenvolvam a autonomia e caminhem rumo à emancipação. Eis o objetivo áureo da educação pautada na cidadania democrática.



## 6. Referências

- ARROYO, Miguel. O direito a tempos-espços de um justo e digno viver. *In: MOLL, Jaqueline et al. Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45.
- BEAUCLAIR, João. O "suco" da sucata: brinquedos e jogos na educação infantil. **CRIAR** Revista de Educação Infantil, São Paulo, p. 6 - 7, 10 mar. 2006.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Obras Escolhidas*. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Em Campo Aberto**: escritos sobre a educação e a cultura popular. São Paulo: Cortez, 1995
- BROUGÈRE, Gilles. Lazer e Aprendizagem. *In: \_\_\_\_\_*. ULMANN, A.L. (org.). **Aprender pela vida cotidiana**. Tradução de Antônio de Paula Danesi. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p.128-140. (Coleção Formação de Professores)
- CARDOSO, Marilete Calegari. **Catadoras do brincar: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador, Bahia, 2018.
- CARDOSO, Marilete Calegari; SOUZA, Ana Lucia.; SILVA, Maria Vitória. A ludicidade ao longo da cidade de Jequié-BA: espaços e tempos de lazer e aprendizagens para as crianças. *In: VII SEMINÁRIO GEPRÁXIS, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, Anais... v. 7, n. 7, p. 01-15, maio, 2019*. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/semgepraxis/index>. Acesso em abril, 2020.
- CASTRO, Andréa Matos Rodrigues Menezes. O uso lúdico do espaço público: um tempo no Parque Municipal Américo Renné Giannetti. *In: 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Anais... Natal, 2014. Disponível em: [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402004456\\_arquivo\\_ousoludicodoespacopublicO.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402004456_arquivo_ousoludicodoespacopublicO.pdf). Acesso em 04 mar. 2019.
- DIAS, Marina Simone; FERREIRA, Bruna Ramos. Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidadania contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**–Anpur. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2015v17n3p118>. Acessos em 8 mar. 2019.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. FREIRE, Ana Maria (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.





\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** 26ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 150 p. 2002

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal.** 2005. Disponível em: [https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod\\_resource/content/1/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Formal\\_2005.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf). Acesso em: 8 de fevereiro de 2017.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola.** São Paulo: Ática, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** 5.ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LEFEBVRE, Henri. Propósito da obra. In: \_\_\_\_\_ **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000), 2006.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança:** a importância do brincar; atividades e materiais. 4ª Edição. São Paulo: Loyola 2001. .

MARQUES, Izabel. O Bairro-Escola Vila Madalena. In.: SINGER, Helena (org.) **Territórios educativos:** experiências em diálogo com o Bairro-Escola /. — São Paulo: Moderna, 2015. — (Coleção Territórios Educativos, v. 2)

NUNES, José Horta. Praças públicas na contemporaneidade: história, multidão e identidade. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 53, n. 2, p. 157-168, Jul./Dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636985>. Acesso em: 20 julho 2020.

ROMÃO, José Eustáquio. **Pedagogia Dialógica.** São Paulo: Editora Cortez, -Instituto Paulo Freire- 2002.

TONUCCI, Francesco. O Direito de Brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. Dossiê Temático: Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 16, n. 40, p. 234-257, jul./set. 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/issue/view/393>. Acesso em: 20 julho 2020

VULBEAU, A. A educação ao longo da cidade. In: BROUGÈRE, G. ULMANN, A. L. (org.). **Aprender pela vida cotidiana.** Tradução de Antônio de Paula Danesi. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.pp. 36-47 (Coleção Formação de Professores)

XAVIER, Iara Rolnik. Um Olhar sobre o Território na estratégia do Bairro-Escola. In.: SINGER Helena (org.). **Territórios educativos:** experiências em diálogo com o Bairro-Escola /— São Paulo: Moderna, 2015. (Coleção territórios educativos, v. 2)